

# QUANDO O DESAMPARO EXPLICA A VIOLÊNCIA

Carlos Henrique Souza da Cruz<sup>1</sup>

## RESUMO

Discute-se a questão do desamparo do adulto vivido especularmente a partir de sua relação com a criança sob seus cuidados, a partir de um caso clínico que retrata uma cultura de violência inserida em um contexto familiar. A violência resultante pode ser entendida como uma dificuldade e um esforço psíquico de significar conteúdos que foram vividos como traumáticos.

**Palavras-chave:** Desamparo. Trauma. Violência Familiar.

## WHEN HELPLESSNESS EXPLAINS VIOLENCE

## ABSTRACT

We discuss the issue of adult helplessness lived with speculation through their relationship with the children they take care, based on a clinic case that portrays a violence culture in the familiar context. The resulted violence can be taken as a difficulty and a psychic effort of giving meaning to the content lived as traumatic experiences.

**Keywords:** Helplessness. Trauma. Family Violence.

---

<sup>1</sup>Psicólogo. Professor da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte-FARN.  
E-mail: prof.carlos\_henrique@yahoo.com.br



## 1 INTRODUÇÃO

A violência, apesar de nos acompanhar desde os primórdios, continua sendo algo inquietante; motivo de profundas discussões teóricas e inúmeras pesquisas. Um tema como este é sempre atual, independentemente do foco que a ele se queira dar.

Ao aventurar-se em considerações sobre tão polêmico tema, interessam-se as questões relacionadas ao contexto familiar. Mais especificamente aquelas que colocam em cena a relação entre o adulto e a criança: **o que levaria um adulto a usar de violência contra uma criança? Em que de tão insuportável torna-se essa criança para que ele a reduza ao estatuto de “coisa”?** Que implicação haveria entre ambos que explicasse a materialização de algum tipo de violência?

Não há um propósito para esgotar recursos em resposta a tais indagações, antes parece adequado fornecer algum material para que se possa proceder a uma maior compreensão dos personagens envolvidos na cena de violência exercida em um contexto familiar. Não há que se falar somente na vítima (ou vítimas), como amiúde acontece. Existe um (a) autor (a). E o foco de atenção será para ele (a).

A compreensão do conceito de violência neste artigo se fará sob a ótica da psicanálise que, em seus aspectos subjetivos e psíquicos, afirma estar diretamente relacionada ao **trauma e ao desamparo**. Ambos serão analisados tendo como pontos de contato a violência do próprio aparelho psíquico bem como a violência circundante – seja qual for – em um meio familiar.

Acredita-se ser interessante e apropriado apresentar de início, ainda que muito resumidamente, um caso clínico<sup>2</sup> de considerável relevância para esse estudo, que foi efetuado no Núcleo de Atenção à Violência (NAV)<sup>3</sup>.

Esse caso, visto mais cuidadosamente, não vai aparecer sob o rótulo de **um “autor” e uma “vítima”**. Ele é peculiar no sentido de haver uma espécie de cultura da violência que é desenvolvida e que vem apagar as singularidades das pessoas envolvidas nela. Nessa família, todos são, ao mesmo

---

<sup>2</sup> A narrativa completa desse caso encontra-se na dissertação de mestrado: CRUZ, Carlos Henrique Souza da. O desamparo em cena na violência familiar. 2001. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Pós-Graduação em Psicologia, CFCH - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2001.

<sup>3</sup> O NAV é uma organização não-governamental constituída com o objetivo principal de atuar junto a crianças, adolescentes e famílias em situação de risco pessoal e social. O NAV presta atendimento psicanalítico em espaço cedido no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB/UFRJ. [iqoo@yahoo.com.br](mailto:iqoo@yahoo.com.br)

tempo, vítimas e autores. Trata-se de um caso que representa um quadro de violência, de fato, familiar. É familiar no sentido exato da palavra, já que envolve toda a família, não poupando nenhum de seus membros.

## 2 AMÁLIA, NEGLIGENTE E ALCOÓLICA

Amália (nome fictício), tendo 41 anos na época do atendimento, com quadro de alcoolismo, era divorciada e mãe de quatro filhos, sendo os três primeiros oriundos de seu primeiro casamento.

O mais velho, Jorge, com 23 anos, estava residindo em outro estado com o pai. Entretanto retornou ao convívio da mãe depois de passados alguns meses desde o início do tratamento. Esse filho, durante sua estadia com a mãe, envolve-se com drogas (maconha e cocaína) e leva, para residir na mesma casa, sua namorada, a qual engravida. Ambos roubam-lhe pertences antes de serem, por Amália, expulsos de casa.

Pedro, o segundo filho, de 17 anos, mantinha com Amália uma relação muito atípica. A autoridade materna era quase inexistente. Pedro, sim, exercia um controle sobre a mãe a qual o colocava no lugar de suplente de seus infortúnios. Era dele que Amália sentia medo, sendo, amiúde, por ele ameaçada quando de suas recaídas à bebida.

Ana, de quatro anos de idade, houvera sido retirada do convívio de Amália abruptamente pelo pai há cerca de alguns meses, indo residir em outro estado. Havia um processo junto ao Juizado, aberto por Amália, para reaver a guarda de sua filha.

Fábio, filho de seu último relacionamento, tinha um ano e sete meses. O pai raramente via o filho e Amália não possuía contato com ele - nem ao menos seu endereço.

\* \* \*

Em conseqüência de “denúncia” feita por seu filho Pedro a um Conselho Tutelar, situado na cidade do Rio de Janeiro, Amália perde a guarda de Fábio por estar sendo *negligente* para com ele, não lhe dispensando os cuidados necessários que essa idade requer. Após tal decisão judicial é encaminhada para atendimento psicológico.

Neste período, ficava grande parte do dia alcoolizada. Muitas vezes deixava Fábio sozinho em casa e saía para comprar bebida. Como se encontrava em “situação de risco”, a guarda de Fábio, na época, foi transferida para

seus pais pelo Juizado da Infância e Juventude. Amália para reaver a guarda de seu filho precisaria parar de beber, arrumar um emprego e comprometer-se com o tratamento psicológico no NAV.

\* \* \*

Aos 18 anos Amália começou a beber. Nesta época morava com os pais e, aproveitando a grande disponibilidade e variedade de bebidas alcoólicas, entregou-se ao vício. Ao que parece, o álcool era “figura ilustre” na família, chegando a ocupar, *literalmente*, um lugar central na casa de seus pais: na época do atendimento, conta Amália, existia um bar no centro da sala de estar.

No começo da análise, era seu desejo parar com o vício. Freqüentava os Alcoólicos Anônimos diariamente e vinha à terapia duas vezes por semana. Contudo, de início, relatava sua enorme vontade de beber nos momentos em que se sentia desprotegida e desamparada. Ao sentir-se frágil e indefesa, procurava a bebida e, pelo que dizia, transformava-se em outra pessoa: tinha coragem de dizer tudo o que pensava, sentia-se mais forte, mais sensual etc. Com o decorrer do tempo vai conseguindo diminuir a recorrência ao álcool, até que ao final de quase dois anos conseguia já não sentir tanta vontade de beber.

Durante o tratamento de Amália, houve diversas cenas de violência física entre ela e seus filhos (tapas, socos e queimaduras) bem como com seu namorado. Entretanto, dois episódios foram marcantes, estando relacionados à sua recaída ao álcool e que colocaram em evidência a dinâmica familiar violenta. O primeiro se deu logo após as festas de final de ano. Amália houvera tido uma discussão com sua mãe ao telefone. Com muita raiva, dentre diversas outras coisas diz a ela: “Agora você vai limpar o cocô de meu filho, já que não cuidou de mim!”. Essa foi uma frase significativa, sendo dita em tom de ódio e de vingança. Amália, além de utilizar Fábio (ou o seu cocô) como um instrumento de represália, descompromete-se de sua função materna, qual seja, “limpar o cocô” do seu filho. Era notória a dificuldade dela em assumir responsabilidades e arcar com o ônus de suas escolhas e decisões. Freqüentemente descompromissava-se, atribuindo a “culpa” de seus atos à bebida ou aos outros. Dias depois volta a beber e não consegue parar.

Nesta ocasião, Amália me liga alcoolizada e demonstra completo desamparo a pedir por socorro, pois seus pais e filhos **decidem** interná-la. Eles acabam levando-a, contra a sua vontade, ao Hospital Psiquiátrico (PINEL),

onde foi medicada e internada. No dia seguinte é liberada e depois relata sua grande “dor” e “angústia” vivida por causa do álcool.

Um ano após, a cena se repete. Contudo, ao que parece, Amália não teria bebido. Seus filhos e familiares **decidem**, novamente, interná-la. Ela me liga sóbria e calma, solicitando ajuda, pois todos os familiares estavam em sua casa tentando levá-la ao PINEL. Disse a ela que fosse e relatasse ao médico de plantão o ocorrido e pedisse a ele para me ligar. Como o médico não me telefonou, no dia seguinte soube que, de fato, fora internada.

Dirigi-me ao hospital e constatei que Amália tinha sido deixada numa “ala fechada” destinada a pacientes psiquiátricos. Após longa conversa com o médico, ele acaba concordando que a internação “psiquiátrica” não teve cabimento. Amália é, então, liberada.

Esta foi, durante o atendimento, a violência maior perpetrada contra Amália. Neste episódio parecia que todos os familiares reduziram-se a uma identidade única em torno de uma mesma violência. O turbilhão que os carregava e conduzia fazia de todos uma mesma coisa. Amália, por sua vez, parecia constituir-se na figura de um *pharmakós*<sup>4</sup>.

Ocupar o lugar de alcoólica implicava levar as chagas de toda a família. Parar de beber seria um mau presságio. Quem, então, iria catalisar a violência familiar circundante? O álcool tinha uma função vital. Não era à toa que um “altar”, sob forma de um bar, se encontrava na sala de estar da casa de seus pais.

### 3 A MÃE “SECA”

A personificação que Amália conferia ao álcool através de seu discurso, emprestando-lhe a virtude de se fundir a personagens transeuntes em sua história pessoal, apontava para um aspecto identificatório. O par **mãe e álcool**, desde o início do processo de análise, esteve presente em seu discurso. Amália dizia possuir uma mãe dominadora e “seca” - atributo que denotava a falta de afeto e amor durante sua vida. Afirmava não ter a lembrança de, em momento algum, ter sido abraçada pela mãe. Foi criada

---

<sup>4</sup> A palavra grega *pharmakós* significa, ao mesmo tempo, o veneno e seu antídoto. Em Atenas era comum, na vizinhança do mito de Édipo, a existência de pessoas que eram mantidas à custa para sacrifícios em casos de calamidade ou sua ameaça: epidemia, carestia, invasão estrangeira, desavenças internas. Estes *pharmakós* estavam sempre à disposição da coletividade e eram levados para toda parte, a fim de drenar as impurezas e de reuni-las sobre sua cabeça; após o que era expulso e morto em uma cerimônia da qual participava toda a população.

por babás e registra: “Quando eu estava me apegando a uma, minha mãe mandava ela embora. Ela era muito exigente. Queria tudo certinho.”

Introduz-se o conceito de **introjeção**, cunhado por Ferenczi (1994a), a fim de trazer uma compreensão dos efeitos dessa mãe seca. A introjeção é entendida como o amor objetual que captura objetos exteriores ao ego em decorrência da expansão pulsional auto-erótica. É a maneira como o aparelho psíquico funciona e como empreende defesas ante a condição de desamparo. “A introjeção é um processo que cria, ao mesmo tempo, o eu e o objeto” (KNOBLOCK, 1998, p. 49), importando para o aparelho psíquico as representações que esses objetos possuem, bem como a carga simbólica que carregam. Na verdade o objeto é apenas um suporte para a apropriação das representações das quais é portador. À medida que a criança incorpora essas representações, pode sentir-se mais segura frente ao desamparo em que se encontra. Entretanto quando o objeto, portador das significações transmuta, tornando-se violento, já é tarde. Já houve uma identificação anterior. Como perder este objeto, se ele assegura a proteção contra o desamparo? Mas como mantê-lo, já que se tornou hostil? De qual saída o psiquismo disporia? Uma coisa parece certa: o agressor há de ser interiorizado. Perguntamos: sob qual rótulo ele apareceria?

A precariedade da constância de vínculos levou-me a supor que o amor – investimento protetor contra as pulsões internas –, sendo experimentado como deficitário por Amália, ocasionou uma considerável fragilidade egóica, que era evidente: baixa auto-estima, sensibilidade extrema às impressões alheias sobre si, dificuldade em afirmar-se no ambiente, bem como manter o fruto de seus investimentos.

A relação de conflito entre o álcool parecia reproduzir, numa relação *metonímica*, a relação com a mãe, onde o álcool seria a “parte” e a mãe “o todo”. A “parte” (álcool), representando o hiato experimentado com a figura da mãe, aquele espaço de ausência de significados. Este vazio, que se representava como algo da ordem do estranho, colocava Amália diante de um excesso pulsional, ocasionando um distúrbio em seu funcionamento psíquico. Se o álcool vai falar desse excesso é “bem escolhido” para representá-lo, pois sua capacidade de destruição é considerável. Assim, quando Amália estava diante da tarefa de construir algo pelos seus próprios investimentos, a **solução de continuidade** se constituía num imperativo de tal ordem, que lhe impedia de assumir o ônus de qualquer mudança e individualização. Voltava a beber. E bebendo, perpetuava a violência contra seu próprio eu.

#### 4 FÁBIO, UM BRINQUEDO

Passemos agora a considerar Fábio inserido neste contexto familiar que, como foi apontado, nutre diversas modalidades de violência. Aquela a que este menino estava exposto não se configurava como sendo do tipo perpetrado em seu corpo físico, propriamente dito. Contudo não era menos grave e nefasta. O afastamento de Fábio de sua mãe provocará um verdadeiro rebuliço na família. Essa criança passará a ser objeto de discórdia, de vingança e de disputa.

Logo de início, a negligência de Amália não foi por ela admitida. Somente depois de alguns meses é que diz que **não tinha consciência daquilo** (negligência) que fez com Fábio, e que certamente também o teria feito com os outros filhos. Essa conscientização alude à implicação que começava a estabelecer frente à sua história.

Durante os seis primeiros meses a guarda permaneceu com os avós de Fábio. As visitas eram regulares, sendo realizadas três vezes por semana. A situação de animosidade entre Amália e a sua mãe era uma constante. Na verdade, uma relação ambivalente antiga e que, naquele momento, estava sendo atualizada. Esta relação conflituosa envolvia sentimentos de ódio e raiva, algo não muito resolvido e, agora, com Fábio intermediando os contatos, acaba sendo colocado num espaço de sérios conflitos.

Não muito tempo se passa e os pais de Amália, por se acharem idosos para continuar com a guarda de Fábio, vão ao Juizado e solicitam, sem que Amália tomasse ciência, a transferência da guarda para seu filho, Paulo. Esta nova situação causou grande transtorno em Amália, que, também, não tinha boas relações com ele. Segundo seu relato, esse irmão também era alcoólico, ainda que não chegasse a ter crises como ela. Nesse momento questiona: "se eles (o Juizado) tiraram o meu bebê porque eu era alcoólatra, como dão a guarda ao meu irmão que também é?"

Tal indignação chega ao clímax no momento em que Amália deixa de devolver Fábio no horário previsto. Cria-se grande confusão. A situação culmina com a ida de seus pais, o irmão Paulo e um policial a sua casa. Acham que tinha bebido novamente. A situação na portaria do prédio, segundo relato de Amália, foi semelhante aos escândalos que fazia quando bêbada. "Era como se eles todos estivessem bêbados!", diz.

Um detalhe não pouco relevante e que vai sendo, passo a passo, definido é que alguém está intermediando os conflitos entre as pessoas desta família. Este alguém é uma criança: Fábio. Este menino aos poucos



é colocado numa arena de disputa. Ele começa a ser um verdadeiro álibi para justificar os sentimentos hostis que têm trâmite constante nesta família. Um outro tipo de violência se impõe: a exposição de uma criança a uma série de investimentos que, sob o rótulo do cuidado e da proteção, camufla aqueles sentimentos de ódio, inveja, culpa..., onde se tenta demonstrar quem de fato tem o “poder” de ficar com Fábio. Olhando sob o aspecto da disputa, parece que Fábio é um objeto ou mesmo um brinquedo sendo leiloado, onde as pessoas dão seus lances e o leiloeiro, ao bater o martelo no “[...] dou-lhe três!”, entregá-lo-á ao que der o maior lance.

O que essa criança representava para ser colocada nesse espaço? Se por um lado foi retirada de Amália sob o pretexto de não ser exposta à violência da “negligência”, por outro continuava exposta a outros tipos de desapontamentos. Haveria algum traço nesta criança que fazia com que a tornasse mediadora das violências? Se assim fosse, qual seria?

\* \* \*

Ao fim de quase dois anos de análise, Amália evidencia algumas mudanças. O álcool não exerce tanta atração quanto antes, mesmo nos momentos em que se sente angustiada. Ainda frequenta o Grupo dos Alcolóicos Anônimos quase que diariamente.

Com relação ao seu filho Fábio, nesta época, ainda não o havia tido de volta. Esperava a decisão judicial. Todo seu empenho em reaver sua guarda, sua preocupação em exercer sua maternidade para com este filho me levou a pensar como sendo a forma que encontrou de, no real, dar sentido ao que, até então, era-lhe difícil elaborar. A questão da maternidade vai para além de um simples cuidar de seu(s) filho(s). Havia de se constituir seu desafio em implicar-se com toda sua história (inclusive a de ser mãe) e assumir a responsabilidade por suas escolhas e decisões.

À medida que começa a se perceber e diferenciar-se de seus familiares, não lhes atribuindo a culpa por seus fracassos os vê, também, como pessoas “doentes”. Em uma destas vezes, quando questiona o fato de não poder ter seu filho junto de si, afirma que seu filho não estava com ela porque era tida como doente, mas havia uma diferença para Amália, revelada quando diz: “... meu filho está com eles, mas eles também são doentes. A família toda é doente. Eu também. Mas eu me trato. Eles não”.

## 5 O DESAMPARO DO ADULTO FRENTE À CRIANÇA

O ser humano ao nascer é totalmente dependente de um adulto para poder sobreviver. Esse contato entre o adulto e uma criança sempre se dá sob o registro do traumático, isto é, sob o signo de uma violência, ainda que seja estruturante. É traumático pelo fato de ser extremamente doloroso para o infante assimilar as normas de higiene e da cultura. Essa apropriação cultural faz com que o ego passe por diversas reestruturações (FERENCZI, 1994a). O ser infantil encontra-se, por assim dizer, desamparado frente ao meio e ao adulto que lhe dispensa os cuidados iniciais.

Essa noção de desamparo, na obra freudiana, de início aparece mais relacionada a uma impossibilidade psicomotora, onde a criança depende de um adulto que a ajude nas tarefas básicas de sobrevivência. De certa forma, até 1912, do ponto de vista mais específico, Freud reafirma a concepção da noção de desamparo como sendo aquela da fragilidade física e psíquica. Freud (1996a) apresenta um adulto vendo, no estado de desamparo do recém-nascido, uma fonte de gozo sexual, já que o adulto é remetido aos seus desejos inconscientes. Dessa forma o recém-nascido pode vir a ser uma espécie de tabu.

Assim, pode-se apreender que a noção de desamparo situa o recém-nascido diante da impossibilidade de defesa frente ao desejo onipotente (e violento) do outro, o qual se inscreve em um contexto claramente sexual. Segundo Pereira (1999), Freud introduz uma nova compreensão para o desamparo, o qual advinha exclusivamente da excitação interna da necessidade não satisfeita. Agora a figura do adulto é trazida nesta reflexão como ocupando não uma posição de ajuda à criança no seu desamparo, mas de dominância em relação a ela.

Este texto mostra um desdobramento da posição que um adulto está em relação à criança. Ao colocá-la como "objeto" de seus desejos, pode ser considerado ocupante de uma relação assimétrica para com ela, ou seja, não mais a está ajudando em seu desamparo. Quando, porém, está sob o imperativo de seus desejos inconscientes, pode-se supor que se estabelece certa simetria para com a criança em função de ambos, ainda que sob aspectos distintos, estarem desamparados: a criança desamparada frente ao desejo onipotente do adulto e o adulto desamparado frente aos seus próprios conteúdos internos suscitados pela condição peculiar da criança.

Esse aspecto interno é ressaltado em Freud (1996b), onde o desamparo é concebido através da idéia de um ego sem condições de lidar com o afluxo pulsional que o invade.

Já em Freud (1996c, p. 26-27), o desamparo é colocado como uma condição

intrínseca à existência humana, perpetuando-se por toda a vida. Assim, a *Hilflosigkeit* aparece como a falta de garantias sobre a qual a vida psíquica se desenvolve. Nesse texto, quando Freud apresenta o adulto diante do insondável da natureza, diz que seu desamparo possui um “protótipo infantil”, sendo ele oriundo do confronto com perigo e proteção representado pelos pais.

Assim sendo, já não se pode falar de apenas uma criança desamparada. Temos um adulto que se encontra de igual modo. A hipótese que levanto é que a concepção freudiana de desamparo leva a um questionamento sobre a relação entre o adulto e a criança na cena que envolve a violência, onde o adulto vem defrontar-se com seu próprio desamparo a partir da relação com a criança desamparada.

Abordar o confronto entre um adulto e uma criança tendo como foco o adulto, pode ser extremamente proveitoso para se compreender as possíveis manifestações violentas que daí se originam. Segundo Marin (1999), negar a **violência primordial**, isto é, a constitutiva, aquela necessária à subjetivação, é o que levaria o adulto a sentir dificuldades em se colocar como referência diante do outro que dele depende. Sendo submetido a um excessivo ataque pulsional poderia ser capaz de atos violentos destrutivos como uma maneira de afirmação última de singularidade. Nosso caso clínico deixou evidente essa posição, onde Amália não conseguia se afirmar como pessoa, como mulher, como mãe, dependendo sempre de outros que lhe ajudassem nesse labor.

Ao articular a questão do desamparo e da violência como estando intrincado um ao outro na constituição e no funcionamento do psiquismo, julga-se oportuno apresentar o que Hanns (1996) diz com respeito à *Hilflosigkeit*. Em seu dicionário comentado do alemão de Freud, este autor não trabalha especificamente a *Hilflosigkeit* de que Freud se utiliza para descrever o estado de desamparo. Este termo é remetido a um outro: Reiz, que quer dizer excitação, estímulo. O que é importante assinalar aqui é que, etimologicamente, o verbo *Reizen* “deriva do verbo *Reizen*, cujo significado original era fazer um risco, arranhão – ranhura. Hoje, *Reizen* significa rasgar, separar violentamente.” (HANNS, 1996, p. 222).

É antiga a idéia em Freud de que o excesso de Reize é vivido pelo sujeito como algo avassalador que o leva ao estado de desamparo (*Hilflosigkeit*). Esse termo é carregado de intensidade, e expressa um estado próximo do desespero e do trauma. Esse estado é semelhante àquele vivido pelo bebê, o qual é incapaz, pelas próprias forças, de remover o excesso de excitação pela via de satisfação, sucumbindo à “Angst”. (HANNS, 1996, p. 228).

Tem-se aí um adulto que, sob um excesso de *Reize*, estará irremediavelmente exposto ao estado de desamparo – semelhante à criança. Assim se encontrando, reduzidas serão as possibilidades de este adulto tolerar a situação paradoxal em que se encontra: ao mesmo tempo em que é representante do corte, da ranhura no sentimento oceânico da criança, associando-se ao sentimento de desamparo provocado nela, é ele que pode, ao suprir suas necessidades, aliviar-lhe a tensão pulsional. Entretanto, para realizar essa tarefa, o adulto deve ser capaz de tolerar esse lugar de “violento”, daquele que “Reize” a criança.

Se não houver no adulto mecanismos internos mais elaborados para lidar com seu próprio desamparo oriundo desse confronto, a criança se constitui para ele a alteridade excessiva, violenta; é violenta pelo simples fato de existir. É um outro, portanto, em demasia. E esta “demasia” é o próprio ataque violento interno que encontra no objeto externo seu igual. Como o que é “objeto externo” e o que é “objeto interno” tornam-se difíceis de distinguir, o ataque interno também se mistura com o ataque ao objeto como se a fronteira entre ambos se dissipasse.

## 6 CONCLUSÃO

Inscribe-se no caso clínico que foi apresentado, uma série de elementos que auxiliam melhor pensar as impossibilidades de Amália a partir de seu estado de desamparo vivido em sua infância. Seu histórico pessoal alude à falta de “suficiente amor” que servisse de anteparo para suas pulsões internas. A angústia vivida, no estado de desamparo, projetou uma sombra que a acompanhou durante sua vida. Não amadureceu. Tornou-se mulher, mas a menina persistia, irreduzível e só. Sempre a pedir ajuda, chamando a atenção, mas não ousando sair do esconderijo que criou atrás do álcool.

Foi evidente que a relação afetiva de Amália, quando criança, com sua mãe foi precária, e por assim dizer comportando uma dimensão violenta, na medida em que toda privação imprime uma marca indelével no psiquismo. A “introjeção” dessa mãe tida como agressora é o que Ferenczi (1994b) vai chamar de “introjeção do agressor”, que se daria pela ausência propriamente dita dessa introjeção que, não podendo ser realizada, será simulada pelo psiquismo. Ferenczi (1994b) diz que a identificação com o agressor ocuparia um lugar no aparelho psíquico de não-inscrição. Diante dessa aparente contradição, Abraham; Torok (apud PINHEIRO, 1995) optam pela terminologia: “incorporação”, que é

realizada para atenuar os perigos de uma não-introjeção. Segundo eles a incorporação seria algo que é nomeado, mas impedido de ser dito, e ocultado para sempre. Seria algo diferente da introjeção pois ocorre instantaneamente sem que haja sentidos a serem introjetados dos quais o objeto seria possuidor. A incorporação seria uma cópia falsa da introjeção. Ela ilude o ego acerca de que, de fato, houve introjeção sem nunca ter havido uma.

Amália, ao dar à luz a filhos e filha, defronta-se com a responsabilidade de sustentar o lugar de mãe, qual seja, parafraseando ela própria: “limpar o cocô dos seus filhos.” Entretanto, o desamparo infantil, surge-lhe especularmente, isto é, Amália passa a re-ver seu próprio desamparo a partir da situação de desamparo dos filhos.

O infante, assim, passa a ser um “outro” especial nessa relação, pois ao refletir a situação originária de desamparo do adulto, torna-o, uma vez mais, passivo e vulnerável ante ao excesso pulsional que irrompe em seu psiquismo. Neste momento, o desconforto é de tal ordem que, caso não disponha de meios mais elaborados, o adulto pode acabar efetuando uma descarga imediata e pelas vias mais curtas.

A negligência (negação) de Amália para com os filhos pode ser entendida como uma das formas de descarga pulsional que é efetuada sem a mediação do ego. Seu próprio alcoolismo configurou-se em uma modalidade violenta contra seu próprio eu, modalidade essa que colocava em evidência sua relação ambivalente para com sua mãe e a maneira violenta sob a qual se subjetivou. Ferenczi já assinalava que “se, no começo da vida [da criança], lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda sua vida.” (FERENCZI, 1994c, p.2).

## REFERÊNCIAS

CRUZ, Carlos Henrique Souza da. **O desamparo em cena na violência familiar**. 2001. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

FERENCZI, S. O conceito de introjeção. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.181-195.

FERENCZI, S. Fé, incredulidade e convicção sob o ângulo da psicologia médica. In: \_\_\_\_\_. **Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.27-38.

FERENCZI, S. A adaptação da família à criança (1928). In: \_\_\_\_ **Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p.1-13.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, 13 [1913-1914]).

\_\_\_\_. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, 18 [1925-1926]).

\_\_\_\_. **O Futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, 21 [1927-1931]).

HANNS, L. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KNOBLOCK, F. **O tempo do traumático**. São Paulo: EDUC, 1998.

MARIN, I. S. K. Sujeito, desamparo e violência. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v.2 , n.3, p.76-88, set. 1999.

PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo**: um estudo psicanalítico. São Paulo: Escuta, 1999.

PINHEIRO, T. **Ferenczi**: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Zahar; UFRJ, 1995.